

TEMAS DE LEITURA PARA UM LEITOR EM FORMAÇÃO

Tania Maritza Kuchenbecker Rösing

Professora de Literatura Brasileira e Literatura Infanto-Juvenil.

Doutora em Letras pela PUCRS. Brasil

Muitos estudos têm sido desenvolvidos acerca do trinômio autor-texto-leitor, de suas interações e das interferências que afetam a leitura, uma vez que no ato de ler são acionados os referenciais do autor, suas experiências existenciais, seus valores, seu universo cultural, suas relações com o tempo histórico em que emerge sua obra e com o espaço em que vive. As mesmas características precisam ser observadas no sujeito leitor, a fim de que sejam atendidas as suas expectativas. A compreensão do texto, a interpretação de seu conteúdo e a apropriação das idéias nele contidas sofrem significativa interferência das características desse mesmo leitor.

O processo de construção e de produção de significados em que se constitui a leitura, quando esta é mediatizada, requer do mediador um conhecimento significativo acerca da literatura, um comportamento mais efetivo de leitura e habilidade na seleção de obras a serem indicadas a um leitor ou a um grupo de leitores..

Em se tratando de adolescentes, ou mesmo pré-adolescentes, interesses e necessidades desse público precisam ser levados em conta, porque o estímulo à leitura deve corresponder às suas expectativas. O problema não se encontra na identificação dos interesses e das necessidades que são explicitados. Saber o que ele pensa, o que ele faz não é mais significativo do que saber o que ele sente.

O caminho para desvelar a vida interior desse público adolescente é árduo: precisamos encontrar formas competentes de abordagem da emoção e de suas variadas modalidades de

manifestação. Sentimentos como o amor, o medo, a angústia, a raiva precisam ser observados no processo de indicação de obras literárias, que necessitam do envolvimento do leitor como um todo.

Por ser um período de grandes transformações, a adolescência pressupõe uma trajetória em busca da consolidação da identidade de um ser que se desenvolve biológica e psiquicamente. Não podemos valorizar apenas o desenvolvimento mental, mas especialmente as sensações, os impulsos, as percepções que configuram o estado emocional desse ser.

A energia que vai se produzindo nesse período da vida humana deve ser valorizada no sentido de seu aproveitamento como espaço para o desenvolvimento da criatividade e da construção de novas abordagens no enfrentamento de situações cotidianas, sejam elas em ambiente familiar tradicional ou em outros ambientes informais não previsíveis. É nesse período que o adolescente busca inserir-se no mundo dos adultos consolidando ou negando seus princípios, fazendo valer sua independência rumo à autonomia em relação às pessoas com as quais convive mais estreitamente, sejam elas seus familiares ou seu grupo de referência.

Pode-se entender, por isso mesmo, a fuga para o mundo interior, por encontrar o adolescente nesse refúgio as condições necessárias para o acolhimento de seus ideais, sejam eles de natureza pessoal ou profissional, seus sonhos, seus projetos futuros. A aparente irreverência dos adolescentes deve ser entendida como reflexo do conflito entre o mundo em que vivem e o que idealizam.

Entende-se, nesse contexto, o processo de estruturação da identidade, já iniciado na infância. Sua tendência grupal aponta suas dificuldades, revelando, inclusive, quem são seus ídolos, o que resulta no conhecimento da referência de seus valores éticos e morais.

A sexualidade se manifesta precocemente, o que permite um contraponto entre a efemeridade e uma necessidade de estabelecer vínculos mais duradouros. Tais revelações são confirmadas pelos estudos desenvolvidos por Jersild (1977):

Até a época em que chega à adolescência, o jovem já passou por muitos sobressaltos e tumultos, além de ter experimentado as correntes mais serenas da emoção que se manifestam em toda a sua vida. Passou, ademais, por um longo e rigoroso aprendizado da arte de envolver, mitigar e disfarçar os seus sentimentos. Isto quer dizer que, se pretendermos compreender o adolescente, não só temos de reparar nas emoções abertamente reveladas por ele, como também devemos procurar investigar as que aprendeu a disfarçar ou a negar (p.242).

O comportamento dos adolescentes na escola é muito significativo: revela sua identidade ou mesmo a fase do processo de construção de sua própria identidade. A sua ligação com os professores se realiza mais pelas qualidades humanas desses profissionais do que por sua competência profissional. À medida que não se efetiva o diálogo entre professor e aluno, as manifestações de violência são muito mais desastrosas do que as de alienação ou mesmo de frustração, ou ainda de abandono da própria instituição escolar.

Considerando a síntese desenvolvida sobre características do adolescente que precisam ser observadas no momento da seleção de temas a serem abordados nos textos literários com os quais vão se envolver, assume importância capital o reconhecimento do uso da imaginação nessa fase da vida como forma de transpor obstáculos relativos ao tempo e ao espaço em que vive. A revelação de experiências que não lhe são facultadas em sua vida real surge como uma necessidade imperiosa. A fuga para o sonhado constitui-se numa forma de suportar as condições reais de sua vida. E a possibilidade de construir um futuro melhor mesmo tendo consciência das limitações de sua existência.

Há que se buscar caminhos para conhecer o que se passa na vida interior desses adolescentes, para que a indicação de temas abordados literariamente seja capaz de provocar

nesse público um estímulo à realização de novas leituras, em níveis cada vez mais Profundos.

A necessidade de intelectualizar e de fantasiar do adolescente é vista por Outeiral (1994) da seguinte forma:

O adolescente compensa e elabora suas perdas infantis com uma mesma atividade de fantasias conscientes, sonhos diurnos e atividades intelectuais diversas. Não é infreqüente vê-lo sentir-se um grande poeta, literato, homem rico, empresário, etc. (...) O corpo imaginário é mais significante que o corpo real que, por sua vez, durante bastante tempo, continuará sendo, em parte, um desconhecido que paulatinamente ocupará seu lugar na integridade do indivíduo (p.29).

Pode-se justificar dessa forma a preferência de meninos de rua e de adultos desescolarizados por temas maravilhosos, que estimulam a imaginação, que propiciam a vivência de outros mundos menos cruéis, que proporcionam a convivência com personagens diferentes das pessoas que fazem parte de seu próprio grupo, defensores de outros ideais que não são os preconizados nesse grupo.

Entende-se, também, o equívoco de professores na seleção de obras literárias cujo tema se baseia em diferentes formas de violência. A leitura sobre aspectos negativos da sociedade precisa ser feita com a devida crítica, valorizando a autonomia da escola e do professor em relação ao que oferece o mercado editorial.

A carência de livros nas bibliotecas escolares não justifica a valorização de textos que não contribuam com o crescimento interior de seus leitores. É necessário que a escola mantenha o distanciamento correto para exercer a sua crítica frente a produção editorial que trata a literatura para crianças e adolescentes como um grande segmento para ganhar dinheiro.

Em se tratando de um leitor em formação, torna-se imprescindível oferecer-lhe temas que atendam especialmente aos seus sentimentos, que nem sempre são explicitados aos mediadores da leitura.

Há que se estabelecer um diálogo franco, aberto, no intuito de conseguir informações mais precisas a serem consideradas no processo de seleção de temas. Há que se estabelecer uma confiança entre o mediador e o leitor, a fim de que as manifestações do sentimento desse leitor fluam naturalmente e sejam observadas na seleção do material de leitura. Há que se utilizar de recursos não verbais também no processo de investigação de interesses de leitura, uma vez que nem sempre se consegue detectar a informação na fala dos leitores em formação, o que pode ser manifestado na seleção com ilustrações, por exemplo. Há que se observar detalhadamente, entre tantas outras manifestações, o conteúdo das mensagens veiculadas em suas camisetas, peça do vestuário de que mais se utilizam e que mais apreciam, mensagens estas que, num jogo verbal/não verbal, revelam parte significativa de seus sentimentos, permitindo a interpretação e a apreensão dos mesmos pelos demais segmentos da sociedade. Tal observação pode ser estendida, paralelamente, ao conteúdo dos adesivos que adornam seus pertences, entre os quais se destacam as agendas pessoais e as paredes do ambiente em que vivem e em que desenvolvem uma atividade profissional. Há que se analisar cuidadosamente o conteúdo das mensagens dos cartões utilizados para expressar sentimentos em datas especiais ou em situações especiais, os quais estão disponíveis no mercado em grande variedade, apresentando qualidade formal atraente e que são consumidos cada vez mais especialmente pelos jovens de qualquer nível socioeconômico. Há que se conhecer que alimento saciará a fome de leitura de histórias que apontem a esses adolescentes o real sentido de suas vidas e que justifiquem e seu estar no mundo.

A preocupação com a seleção de temas para a leitura não deixa de lado a observação dos recursos estilísticos apresentados na obra, pois formas inusitadas de expressão das idéias constituem característica específica da natureza literária.

Trabalhar textos literários com um público diversificado - meninos de rua, meninos de escola, adultos desescolarizados - é um desafio que precisa ser assumido competentemente pelos mediadores do ato de ler fora da escola e em seu próprio contexto.

Referências bibliográficas

* Este artículo fue publicado en el volumen coordinado por la Dra. Rösing "Da violencia ao Conto de Fadas", EDIUPF, 1999

JERSILD, Arthur. Psicologia da adolescência. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

OUTEIRAL, José O. Adolescer: estudos sobre adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.